

# A Volta ao Extremo

## A VIOLÊNCIA ARMADA NO SUL DO SUDÃO

Para o Governo do Sul do Sudão (GoSS), há quatro anos no poder, o ano de 2009 foi um ano de tormento. Criado em 2005 como resultado do Acordo Geral de Paz (CPA) entre os rebeldes do Movimento de Libertação dos Sudaneses/Exército (SPLM/A) e o Partido do Congresso Nacional do Sudão (NCP), na época o partido governante, o GoSS trabalhou para administrar uma crise múltipla, financeira, governamental e de segurança, enquanto lutava pela implementação do tratado de paz. A grande visão eram as eleições para o mandato executivo e legislativo do CPA marcadas para Abril de 2010 e o plebiscito, em Janeiro de 2010, pela autonomia do sul.

**A violência dos sulistas em 2009 foi bem organizada, envolvendo vários grupos tribais e exibindo uma brutalidade da qual não se teve notícias nos últimos anos.**

Para as pessoas do sul, o plebiscito – visto como provável resultado a votação pela separação – é a vitória de décadas de conflito armado com Cartum (foram travadas duas guerras civis 1956 – 1972 e 1983 – 2005). Irredutível quanto às alegações de corrupção e mau governo, o GoSS reconhece o plebiscito como um dos poucos meios de restabelecer a sua fraca legitimidade. No ano de 2009, quando se falou muito do colapso do CPA, as autoridades extremistas do GoSS empregavam ameaças públicas e recriminações para evitar a obstruções a estas e outras disposições importantes do CPA. Com a paralisação do processo de paz, a eloquência aumenta: em Setembro os membros do estado-maior do SPLA estimaram em 50 por cento a possibilidade de um



A vila de Duk Padiet, Jonglei, no velório após um ataque de Setembro de 2009 feito por membros da tribo Lou Nuer que deixou 160 mortos.  
© Tim McKulka/UNMIS

retorno à guerra. Políticos do sul ameaçaram publicamente fazer uma declaração unilateral de independência. O resultante extremismo gerou uma profunda incerteza sobre o futuro do país, especialmente sobre as eleições e as perspectivas do Sudão após o plebiscito.

Como o processo de paz sofreu um grande abalo, o Sul do Sudão experimentou uma intensa onda de violência armada, que devastou as zonas rurais em 2009. A violência foi bem organizada e envolveu grupos de diversas tribos, exibindo uma brutalidade da qual não se teve notícias nos últimos anos. O SPLM/A desacreditou o NCP para dar continuidade à sua prática da guerra civil de armamento dos grupos do sul com o intuito de desestabilizar a região, enquanto o NCP acusou o GoSS de ser incapaz de oferecer segurança aos seus cidadãos, colocando em dúvida a sua legitimidade. No fim deste ano, cerca de 2,500 sulistas foram assassinados e 350,000 expulsos, sem que nenhum progresso real tenha sido alcançado para resolver o conflito.

A violência localizada mais extrema envolveu os grupos tribais, alguns deles com uma longa história de conflito durante a guerra civil. Uma das lutas mais sangrentas ocorreu entre os Murle e os Lou Ner no estado de Jonglei, onde a cada um dos repetidos ataques e retaliações centenas de pessoas morreram, com frequência mulheres e crianças. Durante a guerra, os Murle estavam organizados como uma força local de autodefesa contrária ao SPLA, foram então apoiados e armados pelo SAF para lutar uma guerra proxy no sul. Os Lou Nuer, mais independentes e flexíveis, receberam armas e apoio tanto do SPLA quanto do SAF. Após os esforços de desarmamento do CPA, ambos os grupos se mantiveram armados e activos. As suas lutas contínuas são um grande reflexo da dinâmica da época da guerra civil. Numa região onde as identidades tribais são transmitidas para o campo político, existe uma ideia difundida de que os políticos do sul estão a usar e a provocar estes conflitos tribais para consolidar as suas bases de apoio.

#### **A partir do final de 2009, o impacto de lutas internas no sul durante a guerra civil ainda era fortemente notado.**

Outros actores implicados na insegurança no Sul do Sudão em 2009 foram a Junta das Unidades Integradas – unidades de segurança com mandatos de CPA, compostas tanto pelo SAF quanto pelo SPLA, que permanecem profundamente divididas e, em determinados locais representam um risco para a segurança – e o Exército de Resistência do Senhor, de Uganda (LRA), uma das milícias proxy de Cartum durante a guerra. Apesar de amplamente enfraquecido como uma força de guerra, a influência do LRA é agora maior do que antes (alcançando a República Democrática do Congo, a República Africana Central e o Sudão). Seu comandante Joseph Kony conseguiu evitar ser capturado e possivelmente deslocou-se para Darfur – talvez com a ajuda do SAF. As bem documentadas habilidades de sobrevivência do grupo sugerem que este possa se manter por algum tempo como um actor activo nas relações Norte-Sul.

Um série de factores estruturais têm sustentado e incitado a violência. O GoSS não conseguiu criar instituições estaduais responsáveis e democráticas e oferecer à população serviços básicos como a saúde, a educação e a segurança. Esta carência influencia tanto a probabilidade de violência – como a competição por recursos básicos entre as comunidades desprovidas dos seus direitos – como a inabilidade do Estado em conter a violência quando esta irrompe. Por a polícia sulista permanecer mal treinada e mal equipada, o SPLA mantém-se *de facto* o actor de segurança dominante na região. Mas também, o grupo está a esforçar-se para transformar a si mesmo de um movimento 'rebelde' para num exército profissional. Fragmentado e dividido em facções, o seu comando e controlo internos mantêm-se fracos. Quando a violência local explode, há um risco corrente dos soldados tomarem partido de acordo com as tribos às quais pertencem.

Como o período interino de seis anos do CPA na partilha do poder está a terminar e o plebiscito sobre a autonomia do sul se aproxima, o risco de uma nova insegurança permanece alto, tanto entre os partidos do CPA quanto dentro do Sul do Sudão. O GoSS e o SPLA já estão empenhados em responder à violência contínua no sul. No caso da aumento da violência, ou as normas do tribunal do CPA continuam a bloquear ou conduzem à violência Norte-Sul, isto representará vários desafios para o novo governo. O sul necessita com urgência de uma ajuda internacional enérgica. Assim como as elites em Cartum e Juba estão paulatinamente a discutir a viabilidade da separação, a comunidade internacional precisa de ajudar os sudaneses a prepararem-se para essa possibilidade, garantindo o plebiscito e apoiando o seu resultado. Um planeamento detalhado para uma separação pacífica, se for esse o desejo dos sulistas sudaneses, é essencial para prevenir mais instabilidade. ■